

# *L'ÈVE FUTURE*: UMA OBRA DE ARTE METAFÍSICA

**Kedrini Domingos dos SANTOS\***

**RESUMO:** O romance *L'Ève Future* (1886), do escritor francês Villiers de L'Isle-Adam, é uma importante obra do final do século XIX e opõe-se às formas artísticas do realismo e naturalismo. Esta é uma obra extensa e complexa, que apresenta questões caras ao escritor. É possível distinguir gêneros diferentes no romance do final do século XIX, e, de fato, *L'Ève future* difere bastante das produções romanescas contemporâneas a ela. O romance pode ser associado ao romance decadente, pelo culto do artificial, e ao romance de antecipação científica, pela evocação das invenções de Edison. Pode-se dizer que é uma narrativa fantástica ou de ficção científica, pois há a criação de uma mulher artificial, cuja finalidade é substituir a mulher real, mas também é uma obra filosófica, pois medita sobre a aparência e a essência dos seres. Em um estilo insólito e irônico, Villiers coloca questões relativas à ilusão do verdadeiro e à realidade, refletindo sobre a condição humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Villiers de L'Isle-Adam. *L'Ève Future*. Simbolismo.

O romance *L'Ève Future*, do escritor francês Villiers de L'Isle-Adam (1838-1889), foi publicado em 1886 e é uma importante obra dentro do contexto literário da segunda metade do século XIX. Pensado inicialmente para ser um conto que trataria do tema da criação de uma mulher artificial, *L'Ève Future* se tornou uma obra extensa e complexa, que apresenta questões caras ao escritor e opõe-se às formas artísticas do realismo e naturalismo. Embora o público e a crítica tenham se mostrado céticos em relação à obra à época de sua publicação, seu valor foi percebido pelos amigos e discípulos de Villiers, como Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine, Remy de Gourmont e Camille Mauclair.

---

\* Doutoranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 -keds\_dom@yahoo.com.br

Como indica Raitt (1996), é possível distinguir vários gêneros diferentes no romance do final do século XIX, como o romance naturalista, o romance mágico, o romance decadente e o romance de antecipação científica, no entanto, *L'Ève future*, para o pesquisador, não se enquadraria completamente em nenhum destes gêneros, embora possa ser associado ao romance decadente, pelo culto do artificial, e ao romance de antecipação científica, pela evocação das invenções de Edison. Contudo, podemos entender que os aspectos de antecipação científica são pretextos para as considerações filosóficas do escritor.

O próprio Villiers entende que o livro se distingue das produções romanescas contemporâneas a ele e definia *L'Ève future* como uma “obra de arte metafísica”, obra “solitária na literatura humana” da época. Romance riquíssimo, pode-se dizer que é uma narrativa fantástica ou de ficção científica, pois há a criação de uma mulher artificial, cuja finalidade é substituir a mulher real; mas também é uma obra filosófica, pois medita sobre a aparência e a essência dos seres.

Nesse romance, temos Lord Ewald que está angustiado com a contradição entre a beleza física de Alicia e a vulgaridade de sua alma, a ponto de preferir a morte a continuar com essa mulher. Alicia, que tem a beleza da Vênus Victrix, encarna justamente a hipocrisia, a vulgaridade, a estupidez e o espírito de convenção, valores burgueses criticados por Villiers. Diante disso, Edison propõe resolver o problema criando uma criatura artificial - a Androide Hadaly – que reproduziria a imagem da modelo original (melhorando-a segundo o cientista). Temos, então, a retomada do natural de modo artificial que acaba por fundir Alicia e Hadaly, a modelo e a cópia, o real e o irreal.

Villiers, ao renunciar à experiência do mundo exterior, privilegia a experiência imaginativa e, dessa forma, seus heróis, como “[...] os heróis dos simbolistas, prefeririam renunciar à vida comum a lutar para se abrirem um lugar nela; abandonam suas amantes, preferindo os sonhos.” (WILSON, 2004, p. 260). Para Villiers, as ideias são mais reais que a matéria e as ilusões permitem a criação dos seres pela força do espírito. Além dessa evasão imaginativa, a ideia da decadência do mundo real está expressa nas críticas que Villiers faz à burguesia e à fé cega que ela tem na ciência e no progresso (DOMINGOS, 2005). Assim, o romance *L'Ève future* exprime bem os valores que o autor julga essenciais ao homem (como a beleza, a nobreza e o idealismo), bem como sua crítica aos burgueses e aos valores da sociedade moderna.

Também podemos pensar sobre o estilo de Villiers, que busca se afastar da banalidade cotidiana e rejeita o clichê e os lugares comuns. Através de uma

escritura original, o escritor consegue exprimir sua revolta, ao mesmo tempo em que expressa sua crença no Ideal. Encontramos nessa obra várias citações em diversas línguas e alusões literárias, mostrando a erudição do autor. Como demonstra Ponnau (2000), Villiers coloca um sistema de trocas entre os títulos que ele dá a seus capítulos e as epígrafes que os abrem. Essa relação é muito significativa, pois permite descobrir a ligação entre o sonho e a ironia, aspectos fundamentais no desenvolvimento da narrativa, a qual foi dedicada, justamente, aos “*Rêveurs*” e aos “*Railleurs*”. Além disso, a pontuação complexa, com uso de parênteses e travessões, com palavras destacadas em itálico ou caixa alta, com uma língua rica, repleta de arcaísmos, de neologismos e fórmulas poéticas, denotam a originalidade da obra.

Podemos dizer que em *L'Ève future* a denúncia da mediocridade do mundo contemporâneo, burguês, se dá por meio de uma linguagem irônica, ao mesmo tempo em que Villiers expressa em tom grave aspectos essenciais a ele. Assim, há uma variedade de registros no romance que vai do sarcasmo e da ironia ao drama metafísico, opondo o burlesco e o lírico (CITRON, 1979).

A imaginação visionária do escritor alimenta-se de temas e invenções de grandes autores (de Hoffmann a Gautier, de Chateaubriand a Baudelaire, de Goethe a Poe, de Maturin a Mérimée, dentre outros), mas Villiers os renova fazendo algo totalmente novo (ROSI, 2000). O romance *L'Ève future* combina temas múltiplos, sendo um deles o tema das criaturas artificiais na literatura.

De acordo com Citron (1979), as criaturas artificiais (robôs de madeira ou de metal, androide) apareceram nas Letras apenas a partir do desenvolvimento da mecânica e da criação de autômatos (por Vaucanson, Maëlzel, etc.), sendo os alemães os primeiros escritores importantes a abordar esse tema. Achim von Arnim, em *Isabela do Egito* (1812), por exemplo, apresenta uma criatura de argila moldada à semelhança de uma mulher real e animada por magia. Já em “O homem de areia” (1817)<sup>1</sup>, uma das narrativas fantásticas de Hoffman, há Olympia, criatura artificial feita por Coppelius e o professor Spallanzani. Outra história de Hoffman que aborda esta temática é “Turco falante” (1814)<sup>2</sup>. Villiers se insere, portanto, nesta tradição da literatura que aborda a temática do autômato, ligando-se à ficção-científica.

Aliás, é possível encontrar em ambas as histórias de Hoffman um traço em comum com o romance de Villiers: o belo autômato que inspira amor a um rapaz. Em *L'Ève future*, Edison duplica o corpo de Alicia, em seguida anima

<sup>1</sup> Confira Hoffman (2006).

<sup>2</sup> Confira Hoffman (1993).

esse corpo com uma “alma” ideal, suscetível de tornar Hadaly um ser passível de ser amado. Com a animação da Androide, podemos pensar ainda no mito de Pigmalião e a animação da estátua, Galateia, na medida em que o ser autômato se metamorfoseia em uma “obra de arte viva” (ROSI, 2000).

Hadaly fascina Lord Ewald, o qual encontra nela o objeto perfeito de seu desejo pelo ideal. O sentimento amoroso parece se apresentar aí de modo paradoxal, pois define o que é propriamente humano ao mesmo tempo em que implica uma ilusão em relação a um objeto que não seria humano. Ademais, a capacidade da máquina de suscitar e manter essa ilusão por sua aparência e funcionamento está ligada, no romance, aos mecanismos da época capazes de fazer da criatura técnica uma reprodução da identidade da mulher amada (VALTAT, 2009). Como diz Edison:

*Je vais vous démontrer, mathématiquement et à l’instant même, comment, avec les formidables ressources actuelles de la Science, – et ceci d’une manière glaçante peut-être, mais indubitable, – comment je puis, dis-je, me saisir de la grâce même de son geste, des plénitudes de son corps, de la senteur de sa chair, du timbre de sa voix, du ployé de sa taille, de la lumière de ses yeux, du reconnu de ses mouvements et de sa démarche, de la personnalité de son regard, de ses traits, de son ombre sur le sol, de son apparaître, du reflet de son Identité [...] Je vais, d’abord, réincarner toute cette extériorité, qui vous est si délicieusement mortelle, en une Apparition dont la ressemblance et le charme HUMAINS dépasseront votre espoir et tous vos rêves ! [...] Je forcerai, dans cette vision, l’Idéal lui-même à se manifester, pour la première fois, à vos sens, PALPABLE, AUDIBLE ET MATÉRIALISÉ. [...] (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, p.835, grifo do autor)*<sup>3</sup>.

*L’Ève future* também pode ser pensada como o romance de um homem entre duas mulheres, remontando a uma tradição para além do romantismo. Neste romance, Villiers renova o contraste da mulher ardente e da criatura ideal, trazendo à tona o tema das gêmeas. Alicia é a mulher de carne e osso, ser

<sup>3</sup> “Vou demonstrar-lhe, matematicamente, e agora mesmo como, com os formidáveis recursos atuais da ciência - e isso de uma maneira fria, talvez, mas indubitável – posso apoderar-me de sua graça, da plenitude de seu corpo, do odor de sua carne, do timbre de sua voz, da flexibilidade de sua cintura, da luminosidade de seus olhos, das características de seus movimentos e de seu andar, da personalidade de seu olhar, de seus traços, de sua sombra no chão, de sua **aparência**, do reflexo de sua Identidade [...] Primeiramente, vou reencarnar toda essa exterioridade, que, para o senhor, é deliciosamente mortal, em uma Aparição cuja semelhança e encantos HUMANOS ultrapassarão sua esperança e todos os seus sonhos! [...] Forçarei, **nessa visão**, o próprio Ideal a manifestar-se, pela primeira vez, PALPÁVEL, AUDÍVEL E MATERIALIZADO [...]” (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 2001, p.140, grifo do autor).

sensual, amante de Lord Ewald. Hadaly é feita de uma carne artificial perfeita, macia, morna e perfumada. Mas tudo isso é a superfície, tendo em vista que em seu corpo feminino e aparentemente humano ela não possui um coração, nem sistema digestivo e nem sexualidade (CITRON, 1979). O amor absoluto de Lord Ewald é um amor impossível. Aqui, Villiers renova outro tema romântico, aquele do amor inacessível.

Para Citron (1979), o esquema romanesco de *L'Ève future* também pode ser buscado em Théophile Gautier<sup>4</sup>, embora não sejam textos onde intervêm robôs. Em *Mademoiselle de Maupin* (1835), Gautier, por exemplo, brinca com a ideia do amor por uma estátua. Em “*Toison d'or*” (1838) tem-se o amor por uma pintura. Na novela “*Avatar*” (1856) faz-se passar uma alma de um corpo para outro. Villiers parece ter tido contato com estes textos e, de certa forma, se inspirado neles.

De acordo com Noiray (1999), o romance de Villiers também invocaria a imaginação científica do escritor norte-americano Edgar A. Poe, cuja obra foi traduzida para o francês por Charles Baudelaire. Muitas epígrafes presentes em *L'Ève Future* foram tiradas da obra de Poe. Além disso, *L'Ève Future* saiu de um “conto cruel” no gênero “grotesco e sério”, caro ao escritor americano e parece invocar o fantástico de Poe, especialmente a temática do paraíso recriado (NOIRAY, 1999). O conto “*Morella*” de Poe, citado em uma epígrafe, apresenta temas fundamentais de *L'Ève Future*, como a identidade, a substituição e o amor mortal. Para Noiray (1999), *L'Ève Future* se aproximaria mais das *Histórias extraordinárias* de Poe, do que de Hoffmann ou do fantástico alemão. Remy de Gourmont, inclusive, teria chamado Villiers de “nosso Edgar Poe”, mas um Poe revisto, atualizado, enriquecido por toda temática complexa da investigação sobre o amor ideal e sua ridicularização (NOIRAY, 1999).

Ainda pensando aspectos do romantismo no romance, podemos observar que Lord Ewald é uma figura idealizada. Ele é jovem, de “[...] *vingt-sept à vingt-huit ans, de haute taille et d'une rare beauté virile.*” (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.790)<sup>5</sup>. Sua beleza, tanto moral quanto física, respeita o padrão anglo-saxão: olhos azuis, cabelos loiros, traços finos e regulares, músculos sólidos advindos de exercícios e de regatas de Cambridge ou de Oxford. Além disso, ele possui a elegância de um perfeito *dandy*: “*Il était vêtu avec une si profonde*

<sup>4</sup> Confira *Mademoiselle de Maupin*, “*Toison d'or*” e “*Avatar*” em Gautier (1956).

<sup>5</sup> “[...] vinte e sete a vinte e oito anos, de alta estatura e uma rara beleza viril.” (VILLIERS DE LISLE ADAM, 2001, p.81).

*élégance qu'il eût été impossible de dire en quoi elle consistait [...]*" (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.790)<sup>6</sup>, e uma aparência que seduz:

*Il sortait de son aspect cette impression que la plupart des femmes devaient, à sa vue, se sentir comme devant l'un de leurs plus séduisants dieux. Il semblait tellement beau qu'il avait naturellement l'air d'accorder une grâce à qui lui parlait.* (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.791)<sup>7</sup>.

Ele poderia ser confundido com um “*don Juan*”, mas “[...] *à l'examiner un instant, on s'apercevait qu'il portait, dans l'expression de ses yeux, cette mélancolie grave et hautaine dont l'ombre ateste toujours un désespoir.*” (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.791)<sup>8</sup>. Embora seja imensamente rico, o que define efetivamente Lord Ewald é sua *nobreza*.

Como demonstra Noiray (1999), dois objetos simbolizam sua nobreza: seu castelo e seu lema. O castelo de Athelwold, situado em um “*très désert et très brumeux district*” (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.794)<sup>9</sup>, evoca, segundo o pesquisador, uma ideia de antiguidade, de solidão e de meditação religiosa e filosófica: “*Le manoir d'Athelwold est donc moins un objet qu'un symbole [...] lieu de retraite, de rêverie, hors de l'espace et du temps.*” (NOIRAY, 1999, p.81)<sup>10</sup>. Lembra o castelo de Auërsperg, em *Axël*, com o mesmo isolamento, a mesma natureza selvagem e protetora, a mesma arquitetura defensiva. Esse castelo, que oferece ao jovem Lord “[...] *le refuge qui convient à sa nature rêveuse et solitaire [...]*”<sup>11</sup>, também é “[...] *le lieu anti-moderne par excellence où le temps s'arrête, où la société contemporaine s'abolit.*” (NOIRAY, 1999, p.81)<sup>12</sup>. Esse lugar de sonhos parece evocar uma temporalidade original, cuja pureza se opõe à modernidade degradante e cambiante da

<sup>6</sup> “Trajava-se com elegância tão requintada que se tornava impossível dizer em que consistia [...]” (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 2001, p.82).

<sup>7</sup> “Desprendia-se de seu aspecto a impressão de que a maioria das mulheres, ao vê-lo, devia se sentir como diante de um de seus mais sedutores deuses. Com tanta beleza, tinha um ar de quem concedia, com naturalidade, um favor a quem ele se dirigia.” (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 2001, p.82).

<sup>8</sup> “[...] observando-o melhor, percebia-se que trazia, na expressão dos olhos, uma melancolia profunda e altiva cuja sombra sempre assinala a marca do desespero.” (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 2001, p.82).

<sup>9</sup> “[...] um lugar muito deserto e muito brumoso [...]” (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 2001, p.87).

<sup>10</sup> “A mansão Athelwold é então menos um objeto do que um símbolo [...] lugar de retiro, sonho, fora do espaço e do tempo.” (NOIRAY, 1999, p.81, tradução nossa).

<sup>11</sup> “[...] o refúgio que convém a sua natureza sonhadora e solitária” (NOIRAY, 1999, p.81, tradução nossa).

<sup>12</sup> “[...] lugar anti-moderno por excelência, onde o tempo para, onde a sociedade contemporânea é abolida.” (NOIRAY, 1999, p.81, tradução nossa).

sociedade contemporânea. Esse lugar mágico deveria guardar a existência da Androide, ligando assim *L'Ève Future* com a tradição ancestral, fundindo as duas temporalidades, a da origem e a do futuro, reconciliando para sempre a modernidade com o passado. Mas isso será impossível, tendo em vista que a Androide não chegará a seu destino (NOIRAY, 1999).

O segundo símbolo representativo da nobreza de Lord Ewald é seu lema: *Etiam si omnes, ego non* (mesmo se todos, eu não). Como demonstra Noiray (1999), essas palavras já aparecem no Evangelho de São Matheus, quando Pedro declara sua fidelidade a Jesus no jardim das oliveiras. Há um eco dessa frase em *L'Ève Future*, considerando que é em nome dos valores ancestrais, renegados pela humanidade moderna, em uma “fidelidade solitária” a princípios esquecidos que se estabelece, no romance, a diferença entre Lord Ewald e seus contemporâneos. A qualidade aristocrática que caracteriza o jovem Lord releva sua superioridade, mas o isola, conduzindo-o à solidão. Assim, diante de um mundo vazio, esta nobreza – que pode ser vista como um “excesso de ser” - o faz sofrer (NOIRAY, 1999).

Podemos perceber, a partir dos aspectos apresentados, alguns elementos do romantismo. A temática da solidão, como demonstra Noiray (1999), causada pelo sentimento de não pertencimento a esse mundo cercado pela estupidez humana, aproxima Lord Ewald dos arquétipos românticos, especialmente das figuras do romantismo alemão, como Werther. Muitas das epígrafes que aparecem no romance são de escritores e artistas alemães, como Hoffmann, Schiller, Schubert, Goethe e Wagner. Assim, o personagem de Lord Ewald parece retornar a uma tradição romântica idealista e aristocrática, nutrida de modelos germânicos.

A melancolia, outro elemento que caracteriza Lord Ewald, também remonta ao romantismo. Parece que sobre sua fisionomia pesa uma “*ombre terrible*”, uma “*secrète préoccupation*” que o torna “*habituellement un peu soucieux*” (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.792). Essa melancolia, como demonstra Noiray (1999), é marca de nobreza e o jovem Lord parece ser definido por “[...] *cette sorte de tristesse élevée qui décèle l'aristocratie d'un caractère [...]*” (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.792)<sup>13</sup>. Essa parece ser uma qualidade particular da alma do jovem Lord, resquício de uma humanidade já quase desaparecida. Mas a melancolia também é um sinal de desespero, de infelicidade e sofrimento por estar no mundo: “[...] *le jeune homme, lui, incarné,*

---

<sup>13</sup> “[uma] tristeza altiva que revela um caráter aristocrático.” (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 2001, p.82).

*le côté du sérieux, d'une 'terrible mélancolie' née de la certitude désespérée de la perte de l'idéal.*" (NOIRAY, 1999, p.84)<sup>14</sup>.

Nesse romance também são integrados grandes mitos criados pelo homem. O primeiro deles é o mito de Eva, aquela que é, como disse o homem a Deus: "*La jeune amie que tu daignas m'envoyer, jadis, pendant les premières nuits du monde [...]*" (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.925)<sup>15</sup>, e que poderia renascer em um novo esplendor, a partir do auxílio das "possibilidades da velha ciência proibida" (RAITT, 1960, p.167, tradução nossa), tentando fixar a miragem da parceira sempre esperada. É uma nova Eva, a Eva futura, afastada das imperfeições da primeira, ligada ao pecado original.

O mito de Prometeu também está presente, não apenas como aquele que deu o fogo ao homem, mas, segundo algumas lendas, aquele que teria modelado o homem na argila e o animado. Como diz Edson a Edward:

*[...] tout homme a nom Prométhée sans le savoir – et nul n'échappe au bec du vautour, répondit Edison. – Milord, en vérité je vous le dis: une seule de ces mêmes étincelles, encore divines, tirées de votre être, et dont vous avez tant de fois essayé (toujours en vain!) d'animer le néant de votre jeune admirée, suffira pour en vivifier l'ombre.* (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.792)<sup>16</sup>.

E ao descrever o mecanismo que produz a respiração de Hadaly, Edson fala da eletricidade como: "*Cette étincelle, léguée par Prométhée [...]*" (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.911)<sup>17</sup>. E Hadaly, antes de ser aceita por Ewald se lamentará: "*Il n'est plus de la terre celui qui eût bravé, pour m'insuffler une âme, le bec de l'éternel vautour!*" (VILLIERS DE L'ISLE ADAM, 1986, p.911)<sup>18</sup>.

Outro mito presente em toda a narrativa é o de Fausto, o qual tem grande importância neste romance, e já aparece no "Aviso ao leitor". Para justificar ter colocado em cena um personagem inspirado em um indivíduo vivo em sua época, o cientista Thomas Edison, Villiers fala sobre as lendas que ele despertou

<sup>14</sup> "[...] O jovem encarna o lado sério, de uma terrível melancolia nascida da certeza desesperada da perda do ideal." (NOIRAY, 1999, p.81, tradução nossa).

<sup>15</sup> "A jovem amiga que tu me dignaste enviar, outrora, durante as primeiras noites do mundo" (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 2001, p.258).

<sup>16</sup> "[...] todo homem tem nome de Prometeu sem saber - e ninguém escapa ao bico do abutre, respondeu Edison - Meu Senhor, em verdade lhe digo: uma única dessas centelhas, ainda divinas, retiradas de seu ser e com as quais o senhor tentou tantas vezes (sempre em vão) animar o nada de sua jovem amada [Alicia], será o suficiente para vivificar a sombra." (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 2001, p.146).

<sup>17</sup> "Essa centelha, legado de Prometeu" (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 2001, p.239).

<sup>18</sup> "Não está mais no mundo aquele que enfrentou, para insuflar-me uma alma, as garras do eterno abutre!" (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 2001, p.346).

no imaginário popular, visto como “mágico do século”, o “feiticeiro de Menlo Park”, etc., dizendo que tal entusiasmo lhe conferiu uma espécie de mistério em torno de sua figura, passando ele a pertencer à literatura humana (Villiers diz que o Edison de sua obra é diferente do da realidade). Ele chama a atenção para o doutor *Johannes Faust* (1480–1540), cuja vida inspirou contos populares sobre o *Doutor Fausto* que foram adaptados a várias obras literárias a partir dos anos 1580, dentre elas o *Fausto* (1808)<sup>19</sup>, de Goethe (1749-1832). Além disso, Fausto é visto como criador do *homunculus*, uma forma de vida artificial.

No caso de *L'Ève future*, podemos pensar em um pacto faustiano entre Edison e Ewald, embora não haja no romance a manifestação da vontade do mal que encontramos representado em Mefistófeles de Goethe. Percebemos que este pacto implica uma transgressão, um tipo de concorrência não apenas com a natureza, mas com Deus (BECKER; CABANÈS, 2001), tendo em vista que a fabricação de um androide poderia ser considerada, implicitamente, como um ato de rebeldia contra a criação divina (Aqui também é possível pensar no mito de Prometeu).

Percebemos que neste livro, não existe impossível. O inverossímil e o extraordinário se multiplicam e a utopia torna-se, no romance, quase palpável e real. Vemos a apresentação do estranho, de modo espantosamente claro graças à habilidade do escritor de convencer e iludir. Em seu livro, Villiers hipnotiza o leitor, criando uma situação em que tudo o que é mostrado é aceito como real e verdadeiro (VERHAEREN, 2008).

Como em *À rebours*, de Huysmans (1924), encontramos em *L'Ève future* o desenvolvimento de uma reflexão sobre o artifício e a ilusão. E em um estilo insólito e irônico, Villiers coloca questões relativas à ilusão do verdadeiro e à realidade.

Pensando a influência exercida pela filosofia hegeliana em Villiers, Raitt (1960) observa que Villiers realiza um sistema totalmente pessoal, centrando na ideia de que cada indivíduo é livre para criar uma ilusão e viver como se ela realmente existisse. Para ele, *L'Ève future* seria o maior exemplo desse sistema de “*illusionisme*” voluntário. No caso do amor, o ser amado seria uma projeção do sujeito (VIBERT, 1995) e Lord Ewald poderia iludir-se a ponto de crer na existência real de Hadaly, uma máquina que leva a aparência e a voz de Alicia. Ao aceitar acreditar na existência de Hadaly, a ilusão deixa de ser ilusão e se torna uma realidade.

---

<sup>19</sup> Confira Goethe (1956).

Considerando que a verdade, inacessível, é apenas uma questão de preferência pessoal, e que o mundo exterior é uma ilusão, observa-se, a partir de Raitt (1960), que o sistema criado por Villiers também pode ser estendido à religião e mesmo à filosofia. Se Villiers, por exemplo, exorta-nos a acreditar em Deus, não é porque Deus existe efetivamente (ele pode ou não existir), mas porque a ideia de sua existência eleva a alma e fortifica nossa coragem, o que faz com que a ideia de Deus seja importante para a elevação do espírito humano. Esse argumento é usado por Edison para convencer Lord Ewald da realidade de Hadaly, embora ela seja apenas uma boneca sem vida.

No entanto, a impossibilidade de se acessar a verdade absoluta e a diversidade de ilusões possíveis podem levar ao pessimismo (aqui podemos pensar na influência de Shopenhauer também). Além disso, como indica Raitt (1960), algumas ilusões não podem ser sustentadas indefinidamente e talvez por isso Villiers não tenha permitido a Hadaly e Ewald encarar a realidade da vida cotidiana, tendo tudo terminado antes que eles tenham colocado a ilusão à prova - já que o navio no qual Hadaly estava sendo transportada afundou e com ele a androide -. É preciso observar, no entanto, como indica Letourneux (1999) que a morte de Hadaly pode ser vista como uma possível resposta do silêncio de Deus – um castigo, afinal o ser humano, representado por Edson e sua ciência, ousou concorrer com o divino –. Outrossim, como o amor não pode sobreviver aos primeiros instantes, o desaparecimento da Androide serviu para eternizar o primeiro encontro de Ewald e Hadaly, de modo que o ideal que ela encarna passa a existir plenamente para Ewald.

Percebemos, portanto, nesse romance, uma tensão entre a ciência e a metafísica. Edison é a encarnação da ciência positivista, mas é também um inventor. Ele aplica a imaginação, “essa rainha das faculdades”,<sup>20</sup> à ciência. Atento aos mistérios da eletricidade, das ondas, do magnetismo, ele está atento também às forças obscuras do universo. A imaginação aparece como a única capaz de fazer a síntese do finito e do infinito. Assim, Hadaly possui uma voz de sonho, que vem de outro mundo. Ela seria a fronteira de vários mundos, do autômato e do vivo, da vida e da morte, da técnica e da espiritualidade (BECKER; CABANÈS, 2001).

*L'Ève future* é, pois, uma fortaleza, torre de marfim, onde o poeta se encerra, na recusa da vida e na necessidade do absoluto. Como diz Wilson (2004, p. 277): o poeta fica “[...] em seu mundo privado, cultivando fantasias privadas,

---

<sup>20</sup> Confira Baudelaire (1976, p.619).

encorajando manias privadas, preferindo, em última instância, suas quimeras mais absurdas às mais espantosas realidades contemporâneas, e confundindo tais quimeras com realidades.” Verifica-se, portanto, a riqueza e a complexidade desse romance que transita entre diferentes gêneros e temas, permitindo várias leituras e reflexões. Enfim, trata-se de uma obra singular, dentro da história literária, que coloca questões sobre a condição humana. O romance *L'Ève future* inquieta, intriga e, sobretudo, faz o leitor pensar.

### ***L'Ève Future: a work of art metaphysics***

**ABSTRACT:** *The novel L'Ève Future (1886) by the French writer Villiers de L'Isle-Adam is an important piece of symbolism and opposed to artistic forms of realism and naturalism. This is an extensive and complex work, which presents issues dear to the writer. Different genres can be distinguished in the novel of the late nineteenth century, however The Future Eve is distinguished from its contemporaneous Romanesque productions. The novel can be associated with the decadent novel by the cult of the artificial, and the advance science fiction novel, and by the evocation of Edison's inventions. Not only can it be considered a fantastic or science fiction narrative, because there is the creation of an artificial woman with the purpose of replacing the real woman, but also a philosophical work as it reflects on the appearance and the essence of beings. In an unusual and ironic style, Villiers raises questions regarding the true illusion and reality, reflecting on the human condition.*

**KEYWORDS:** *Villiers de L'Isle-Adam. L'Ève Future. Symbolism.*

### **REFERÊNCIAS**

BAUDELAIRE, C. La reine des facultés. In: \_\_\_\_\_. **Oeuvres complètes**. Paris: Gallimard, 1976. T.2, p.619-620. (Bibliothèque de la Pléiade).

BECKER, C.; CABANÈS, J.-L. **Le Roman au XIXe siècle**. Paris: Bréal, 2001.

CITRON, P. Introduction. In: VILLIERS DE LISLE-ADAM. **L'Ève future**. Introduction et notes de Pierre Citron. Lausanne: L'age d'homme, 1979. p.10-15.

DOMINGOS, N. **O universo simbólico em Contes cruéis de Villiers de l'Isle-Adam**. Araraquara, 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

GAUTIER, T. **Romans, contes et nouvelles**. Édition publiée sous la direction de Pierre Laubriet avec la collaboration de Jean-Claude Brunon et al. Paris: Gallimard, 1856. 2v. Collection Bibliothèque de la Pléiade.

Kedrini Domingos dos Santos

GOETHE. **Fausto**. Tradução de Antonio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Jackson, 1956. (Clássicos Jackson, 15).

HOFFMAN, E. T. A. O Homem de Areia. Tradução de Claudia Cavalcanti. In: COSTA, F. M. (Org.). **Os melhores contos fantásticos**. Tradução de Adriana Lisboa et al. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2006. p.75-108.

\_\_\_\_\_. **Contos fantásticos**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

HUYSMANS, J. K. **À rebours**. Paris: Sans Pareil, 1924.

LETOURNEUX, M. Une 'machine à fabriquer l'Idéal' – Etude de L'Eve future de Villiers de l'Isle-Adam. In: BRUNEL, P. (Dir.). **L'homme artificiel**. Didier Erudition, 1999. P.243-268.

NOIRAY, J. **L'Ève future ou le laboratoire de l'idéal**. Paris: Éditions Belin, 1999.

PONNAU, G. **L'Ève future ou l'oeuvre em question**. Paris: Puf, 2000.

RAITT, A. *Préface*. In: ANZALONE, J. (Ed.). **Jeering Dreamers: Villiers de l'Isle-Adam's. L'Eve Future at our Fin de Siecle**. Amsterdam: Rodopi, 1996. p.7-12.

\_\_\_\_\_. Villiers de l'Isle-Adam et l'illusionnisme des Symbolistes. **Cahiers de l'Association internationale des études francaises**, n.12, p.175-187, 1960.

ROSI, I. Hadaly / Idéal / Idole: une réécriture artificielle du mythe de Pygmalion par Villiers de l'Isle-Adam. **Revue Romane**, Paris, v.35, n.1, p.101-120, 2000.

VALTAT, J.-C. Reproduction, simulation, performance: *L'Ève future* de Villiers de l'Isle-Adam. **Tracés**, v.16, n.1, p.151-164, 2009.

VERHAEREN, E. **De Baudelaire à Mallarmé**: suivi de Parnassiens et symbolistes. Lausanne: L'âge d'homme, 2008.

VIBERT, B. **Villiers l'inquiéteur**. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1995.

VILLIERS DE LISLE-ADAM. **Oeuvres complètes**. Édition établie par Allan Raitt et Pierre-georges Castex avec la collaboration de Jean-Marie bellefroid. Paris: Gallimard, 1986. (Bibliothèque de la Pléiade, 1).

\_\_\_\_\_. **A L'Ève Future**. Tradução Ecila de Azeredo Grünwald. São Paulo: Edusp, 2001.

WILSON, E. **O Castelo de Axel**: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930. Tradução José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

